

**Dádiva e Hospitalidade: o encontro com as Louceiras do Maruanum, no Amapá**

**The Gift and Hospitality: the meeting with the Maruanum tableware makers, in Amapá**

**El don y hospitalidad: el encuentro con las loceras de Maruanum, en Amapá - Brasil**

Elloane Carinie Gomes e Silva<sup>1</sup>  
Diva de Mello Rossini<sup>2</sup>

**Resumo:** Este ensaio teórico é resultado do recorte de uma pesquisa realizada acerca do fazer cultural das mulheres ceramistas do Maruanum, no Estado do Amapá, extremo norte do Brasil. O enfoque está no “encontro” como aspecto essencial no discurso das louceiras sob a luz dos conceitos de dádiva e hospitalidade. Partiu-se do estudo bibliográfico acerca da teoria da dádiva de Marcel Mauss (2003) e sua relação com os estudos sobre a hospitalidade e o turismo, de onde destacamos os estudos de Camargo (2015); em adição, a pesquisa de campo forneceu as narrativas como dados para a discussão. Os resultados apresentados apontam para a importância da reflexão acerca da hospitalidade no contexto das comunidades tradicionais, identificando as nuances da dádiva na interpretação da dinâmica social do lugar turístico, o que pode ajudar na valorização da cultura local, na preservação do fazer cultural das mulheres ceramistas e na manutenção dos modos de vida da comunidade anfitriã como próprio símbolo de sua hospitalidade.

**Palavras-Chave:** Dádiva; Hospitalidade; Encontro; Turismo; Louceiras do Maruanum.

**Abstract:** This theoretical essay is the result of a research carried out on the traditional knowledge of Maruanum tableware makers – who are craft women – in the state of Amapá, north of Brazil. The focus is on “meeting” as an essential aspect in the discourse of the Maruanum tableware makers guided by the concepts of gift and hospitality. It was based on the bibliographical study about the gift theory of Marcel Mauss (2003) and its relationship with the studies on hospitality and tourism, where we highlight the studies of Camargo (2015); in addition, the field research provided narratives as data for discussion. The results presented point to the importance of reflection on hospitality in the context of traditional communities, identifying the nuances of the gift in the interpretation of the social dynamics of the tourist place, which may support the valorization of the local culture, in the preservation of the ceramic making, and maintaining the livelihoods of the host community as a symbol of their hospitality.

**Key words:** Gift; Hospitality; Meeting; Tourism; Maruanum Tableware Makers.

**Resumen:** Este ensayo teórico es el resultado de una investigación realizada sobre la creación cultural de mujeres alfareras de Maruanum, en el estado de Amapá, extremo norte de Brasil. La atención se centra en la "reunión" como un aspecto esencial en el discurso de los platos a la luz de los conceptos de regalo y hospitalidad. Se basó en el estudio bibliográfico sobre la teoría del don de Marcel Mauss (2003) y su relación con los estudios sobre hospitalidad y turismo, donde destacamos los estudios de Camargo (2015); Además, la investigación de campo proporcionó narrativas como datos para la discusión. Los resultados presentados señalan la importancia de la reflexión sobre la hospitalidad en el contexto de las comunidades tradicionales, identificando los matices del presente en la interpretación de la dinámica social del lugar turístico, que puede ayudar a apreciar la cultura local, en la preservación del trabajo cultural de las alfareras y mantener los medios de vida de la comunidad anfitriona como símbolo de su hospitalidad.

---

<sup>1</sup> Mestra em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). ORCID: 0000-0002-5163-6311. E-mail: elloane.carinie@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Administração e Turismo pela Universidade do Vale do Itajaí (2012) e Pós-doutora em Arquitetura pela Universidade de Lisboa (2014). Professora dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Tecnólogo em Design de Interiores, Mestrado e Doutorado em Turismo e Vice-coordenadora do Mestrado e Doutorado em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: divarossini@univali.br.

**Palabras clave:** Don; Hospitalidade; Reunión; Turismo; Loceras de Maruanum.

## 1 Introdução

O turismo em comunidades tradicionais<sup>3</sup> é comumente tratado como algo exógeno e, em diferentes níveis, intrusivo às culturas autóctones (LAC, 2010). O que se busca aqui é relativizar essa premissa ao interpormos que o turismo, por si só, não é capaz de resolver os problemas econômicos e sociais nos lugares onde se realiza, mas é capaz de oportunizar, por meio dos saberes e trocas simbólicas, as transformações culturais, uma vez que não é o “fenômeno turístico” que explica a realidade social, mas é esta realidade que produz o turismo enquanto fenômeno social (SANTOS, 2010).

Para tanto, centramos esta abordagem reflexiva e interpretativa na relação das mulheres ceramistas do Maruanum (no Estado do Amapá) com os visitantes dessa comunidade tradicional da Amazônia; o que se busca é explorar o “encontro” como aspecto essencial no discurso das ceramistas sob a luz dos conceitos de dádiva e hospitalidade. A analítica do discurso fundamenta o entendimento das relações que suscitam o desenvolvimento de uma experiência integral do turismo nessa região.

A reflexão partiu de um estudo bibliográfico acerca da teoria da dádiva de Marcel Mauss (2003) e sua relação com os estudos sobre a hospitalidade e o turismo, de onde destacamos os estudos de Camargo (2015); em consonância, a pesquisa de campo ocorreu no mês de abril de 2019 e abrangeu três entrevistas (três mulheres ceramistas). É necessário pontuar que o Maruanum é uma das muitas comunidades remanescentes de ex-mocambos<sup>4</sup> e quilombos formados na região amazônica no século XVII, quando os negros, em condição de escravidão, refugiavam-se no interior da floresta às margens dos rios. Esse cenário permitiu também as trocas interculturais com os indígenas da região; portanto, a cultura indígena e a cultura africana foram

---

<sup>3</sup> Aqui, o termo “tradicional” designa um sujeito histórico sustentado no elemento étnico-cultural de sua identidade.

<sup>4</sup> Segundo Gomes (2015), como citado por Ferreira (2016, p. 27) “No Brasil, desde as primeiras décadas da colonização, tais comunidades ficaram conhecidas primeiramente com a denominação mocambos e depois quilombos. Eram termos da África Central para designar acampamentos improvisados, utilizados para guerras ou mesmo apresamentos de escravizados.[...] mocambos (estruturas para erguer casas) teriam se transformado em quilombos (acampamentos) e tais expressões africanas ganharam traduções atlânticas entre o Brasil e a África desde o século XVI”.

sobrevivendo e se desenvolvendo a partir de seu comportamento de respeito e adoração pela natureza, uma concepção proveniente de suas próprias crenças (COSTA; LIMA; CUSTÓDIO, 2016), e que, ao longo do tempo, transpassou às populações amazônicas por meio da oralidade.

Atualmente, inexistem dados oficiais acerca do fluxo turístico na região do Maruanum, contudo, Silva (2019) identifica um turismo insipiente, mas bastante expressivo em termos de experiência para os sujeitos envolvidos, o que denota uma questão-chave ao aferir um modelo de turismo para a região. Em se tratando dos povos da floresta, Maldonado (2009) afirma que o turismo não deve competir ou suplantar as atividades tradicionais que têm garantido a sobrevivência dos povos, na realidade, ele deve ser concebido para a potencialização e dinamização dessas atividades que já são controladas com imensa sabedoria e maestria, o que delinea o pensamento deste trabalho.

## **2 Dádiva e Hospitalidade**

A obra *Ensaio sobre a Dádiva (Essai Sur le Don)* de Marcel Mauss, publicado originalmente em 1923, tem inspirado não só trabalhos dentro do campo da Antropologia, mas de distintas inclinações teóricas, dentre elas, a associação aos estudos de hospitalidade e turismo. Atualmente, existe uma literatura considerável acerca da dádiva como um importante fenômeno ou princípio de base de um modelo sociológico, ou até mesmo um novo paradigma (GODBOUT, 1998; PIMENTEL, 2009) que vem sendo resgatado como um modelo interpretativo para pensar os fundamentos da solidariedade e da aliança nas sociedades contemporâneas (MARTINS, 2005). Em sua obra, Mauss (2003) analisou um amplo material etnográfico, revelando que:

os habitantes das sociedades da orla do Pacífico e do noroeste da América do Norte, que compunham um cenário cultural extremamente diversificado, e praticavam um tipo de intercâmbio de prestações e de contraprestações, denominadas pelo autor de 'prestações totais', caracterizadas basicamente pela oferta voluntária de presentes, livre e gratuita, e, simultaneamente, interessada e obrigatória. (PIMENTEL, 2009, p. 217)

A tese principal do trabalho de Mauss é encontrada no constante “dar-e-receber” que constitui a vida social (MAUSS, 2003), denotando que a dádiva produz alianças, que podem ser matrimoniais, políticas (trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais), religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicas, jurídicas

e diplomáticas (incluindo-se aqui as relações pessoais de hospitalidade) (LANNA, 2000); a dádiva serve, portanto, para que se estabeleçam relações (PIMENTEL, 2009).

Segundo Lanna (2000), “dar-e-receber” implica não só na troca material, mas também na troca espiritual, é neste sentido que a Antropologia de Mauss é uma sociologia do símbolo, da comunicação, onde toda troca pressupõe certa alienabilidade, pois “ao dar, dou sempre algo de mim mesmo. Ao aceitar, o receptor aceita algo do doador” (LANNA, 2000, p. 176), neste sentido, “ele deixa, ainda que momentaneamente, de ser um outro; a dádiva aproxima-os, torna-os semelhantes” (LANNA, 2000, p. 218). Na leitura de Mauss (2003, p. 212) “misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas [...]” e a razão dessa mistura é simples, é “para se ligar, para se conectar à vida, para fazer circular as coisas num sistema vivo, para romper a solidão, sentir que não se está só e que se pertence a algo mais vasto, particularmente a humanidade [...]” (GODBOUT, 1998, p. 11).

Para Pereira (2000) tudo indica que a dádiva é uma aparelhagem adequada à apreensão de mecanismos subjacentes às trocas simbólicas nas sociedades contemporâneas, sendo “tão moderna e contemporânea quanto característica das sociedades primitivas” (GODBOUT, 1999, p. 20), neste sentido, Godbout (1999), citado por Pimentel (2009), afirma que o indivíduo moderno está constantemente envolvido em relações de dádiva, este é um fenômeno essencial, pois basta pensar no que circula entre amigos, vizinhos e parentes, sob a forma de presentes, de hospitalidade e de serviços, lembrando que a dádiva circula também entre desconhecidos sob a forma de doações de sangue, órgãos, filantropia, benevolência e entre outras formas (PIMENTEL, 2009).

Ao inferir a relação da dádiva com o mercado, Pimentel (2009) pontua que a dádiva se “infiltra” nos interstícios dos sistemas de mercado e do Estado, estes dois são instituições neutras que não alimentam as relações sociais (GODBOUT, 1988, p. 09); portanto, a dádiva é tudo o que circula na sociedade que não está ligado ao mercado e ao Estado, é o que circula em prol do ou em nome do laço social (GODBOUT, 1998). Para Lanna (2000), em determinados contextos pode haver conflitos ou complementariedades entre as lógicas da dádiva e da mercadoria. Assim, “há instâncias onde cada uma dessas ideias opostas se verifica, a mercadoria ora pressupondo ora destruindo a dádiva” (LANNA, 2000). Pimentel (2009) infere que no caso da hospitalidade, em

específico no âmbito da hospitalidade tradicional – de uma rede de serviços oferecem alimento, bebidas e hospedagem a pagamento, a complementaridade fica bem visível.

Refletindo sobre as relações entre a dádiva e a hospitalidade, são expostos importantes marcadores de sua dialética, dentre eles, a troca que se reporta ao processo de hospitalidade humana em quase todos os fatos e textos estudados na linha teórica de Mauss (CAMARGO, 2015); a troca é como o mesclar das almas, que permite a comunicação entre as pessoas, a intersubjetividade e a sociabilidade (PIMENTEL, 2009), mas é necessário pontuar que o vínculo estabelecido pela troca pode resultar de uma manifestação genuína ou estudada, pode ser ética ou estética, assim como de uma forma velada ou clara, ocultar interesses materiais ou imateriais (CAMARGO, 2015). Ao pensar a dádiva em turismo de base comunitária, Irving (2009) denota que a hospitalidade requer uma nova percepção de seu significado, uma vez que o pensamento clássico vinculado apenas ao ato de receber é transposto pela expressão da troca, interação, descoberta e retroalimentação.

A hospitalidade é um conceito polissêmico, com abrangência e dupla dimensão – a do fato social e a do valor (CAMARGO, 2015). Pode ser entendido como uma forma de indivíduos de diferentes lugares se socializarem, pode também ter uma dimensão coletiva e um caráter de obrigação que, durante muito tempo, esteve associado à ideia de religião e caridade e que hoje, é associado aos serviços públicos e do domínio da proteção social (alojamentos públicos, hospitais), ou do domínio comercial (notadamente hotéis) (CAMARGO, 2015). O conceito pode ser entendido também como a dimensão dos direitos e restrições impostas aos estrangeiros, imigrantes e refugiados na transposição de “fronteiras” (RAFFESTIN, 1997), onde a passagem da interioridade à exterioridade requer uma autorização ou convite regulado por um rito: a hospitalidade (CAMARGO, 2015).

A hospitalidade ainda designa o ritual de visitar e receber pessoas em casa e confraternizar com conhecidos e/ou desconhecidos nas ruas, empresas e às formas virtuais de contato humano, entretanto, ela não designa apenas todas essas formas de encontro entre pessoas, pois traz também, implicitamente, a opção-obrigação de que ambos se portem adequadamente no encontro; esta obrigação vem de leis não escritas (CAMARGO, 2015). Ao falar das dimensões que a noção de hospitalidade envolve – dentro dos campos da Antropologia, Filosofia, Sociologia, Economia, Teologia, etc., Camargo (2015) se debruça sobre os domínios da

hospitalidade como ocorrentes nos “interstícios de um cotidiano e de uma história marcada pela inospitalidade quando não pela hostilidade” (CAMARGO, 2015, p. 45). O mesmo autor propõe que a hospitalidade analisa a relação interpessoal como o resgate e a troca do calor humano em um ambiente social cada vez mais inóspito, por vezes hostil, “ressaltando as possibilidades que restam no mundo contemporâneo, da manifestação ou de recriação dos vínculos sociais” (CAMARGO, 2015, p. 45).

Em linhas gerais, Camargo (2015) infere que a hospitalidade é uma dádiva, pois “toda hospitalidade começa com uma dádiva. (...). A dádiva desencadeia o processo de hospitalidade (...) numa perspectiva de reforço do vínculo social” (Camargo, 2004, p.19). Para Godbout (1999), citado por Pimentel (2009, p. 220) “a dádiva contém sempre um além, um suplemento, um algo a mais que a gratuidade tenta denominar. É o valor do vínculo”; quando esse valor é introduzido nas relações humanas, a relação mercantil se torna, voluntariamente, ausente (GODBOUT, 1998).

Ao tratar das relações entre a teoria da dádiva de Mauss (2003) e hospitalidade nas análises acerca do sistema de hospedagem domiciliar na cidade do Rio de Janeiro, Pimentel (2009) identificou que o encontro entre hóspedes e anfitriões nos *bed & breakfasts* existentes se dava através de uma relação de hospitalidade e dádiva ainda que estivesse inserida em um ambiente marcado pela esfera do mercado – a hospitalidade comercial. Neste momento, o autor acentua o valor do “encontro” no processo de dádiva nas relações de hospitalidade, que permite que a experiência do turismo seja vivenciada de um modo diferenciado, acrescentando outros significados, profundos e duradouros, para os turistas e para a comunidade anfitriã (PIMENTEL, 2009).

O “encontro” interposto por Irving (2009) como “condição essencial” no contexto do turismo de base comunitária, nos convida a pensar nos cenários envolvendo os sujeitos do processo de hospitalidade. De início é importante destacar que para Irving (2009), esse encontro ocorre entre identidades no sentido de compartilhamento e aprendizagem mútua, neste caso, para que o encontro aconteça, os atores locais e os turistas são, simultaneamente, agentes, sujeitos e objetos no processo. A mesma autora denota que esse entendimento implica essencialmente a troca subjetiva entre “quem chega” e “quem está” no lugar turístico (IRVING, 2008).

O “encontro” significa, portanto, “dar, receber, retribuir, segundo uma dinâmica em que a qualidade da vivência do visitante está relacionada à qualidade de vida do anfitrião [...], em um processo permanente de retroalimentação e construção de laços sociais” (IRVING, 2009, p. 117); como vimos, esses laços são construídos por “quem chega” e por “quem está”, e em um outro nível pelo “lugar”, para tanto, centraremos essa reflexão no componente “quem está”, no sentido dado por Irving (2009, p. 117) é “quem recebe”, que protagoniza o ato de acolher “na busca da troca que potencializa o seu sentimento de pertencimento e a aprendizagem da diferença, na afirmação das identidades envolvidas”.

### **3 O encontro com os visitantes sob a ótica das anfitriãs**

As louceiras do Maruanum são um grupo de mulheres ceramistas que integram a Comunidade do Maruanum – Distrito de Macapá, Capital do Estado do Amapá, região norte do Brasil – e que, dentre os muitos ofícios existentes, produzem louças de barro que obedecem a uma tradição secular e de respeito à natureza (COSTA, 2011). Atividade única das mulheres do Maruanum, as louças de barro constituem a ancestralidade dessa comunidade, uma importante fonte de renda e um sistema de produção artística que transcende sua natureza utilitária (COSTA; LIMA; CUSTÓDIO, 2016).

Ao pensar as louças de barro do Maruanum dentro do segmento do turismo, foram reunidas as narrativas coletadas na pesquisa de campo na comunidade, dentre as quais, as mulheres ceramistas relatam a dinâmica do encontro com os visitantes; assim, partindo da contextualização dessas narrativas e com base no arcabouço teórico acerca da dádiva e hospitalidade, foram desdobradas as análises subsequentes.

A reflexão foi dividida em três pontos-chave: a hospitalidade como relação interpessoal, a hospitalidade como virtude e a hospitalidade como troca (CAMARGO, 2015); é caracterizado o encontro com os visitantes sob a ótica das anfitriãs, que são as mulheres ceramistas da comunidade. Elas assumem a posição de “quem recebe” em razão da influência que o seu fazer cultural exerce no imaginário das pessoas que visitam a comunidade; esses visitantes são

recebidos pelas próprias louceiras, almoçam em suas casas, se interessam pelos frutos e pela cultura da farinha de mandioca, e assistem às apresentações de Marabaixo<sup>5</sup>.

No relato de uma das anfitriãs, é identificado o espaço para que se estabeleça uma relação de dádiva e hospitalidade. De início, o modo espontâneo com que elas se relacionam com o visitante remete à hospitalidade como uma relação interpessoal, pois todas as culturas “guardam princípios, leis não escritas da hospitalidade, herdadas de formas ancestrais de direito, não escritas, que regem o relacionamento humano [...]” (CAMARGO, 2015, p. 47); isso fica visível no relato a seguir:

Eles almoçam lá, o seu Paulo veio de Brasília, foi pra lá com a gente, passou dois dias, [...] ele queria apresentação de marabaixo, fizemo a apresentação de marabaixo pra eles, aí foi que eles foram embora...quando ele chegou em Brasília, ele ligou pra mim.

Do ponto de vista da hospitalidade, existem noções sociológicas clássicas que podem ser pontuadas; de acordo com Camargo (2015), são duas relações: a relação primária, marcada pela intimidade; e a relação secundária, marcada pela etiqueta. Neste caso, quanto mais distante de casa, mais o indivíduo se expõe às relações secundárias que suscitam a condição de anonimato, entretanto, o anonimato assim como a intimidade não são totais, nem podem ser considerados como oposições binárias, mas sim como um *continuum*; assim, em cada relação, o indivíduo se situa em algum ponto do *continuum* anonimato-intimidade, que pode mudar várias vezes durante a cena (CAMARGO, 2015).

Essa variância está relacionada à profundidade dos vínculos estabelecidos com “quem recebe”, pois, a hospitalidade diz respeito à relação entre seres humanos, “[...] uma cidade não é hospitaleira ou inospitaleira: os que (não) planejaram adequadamente o espaço urbano, aqueles com os quais nos relacionamos é que (não) o são” (CAMARGO, 2015, p. 49), isso leva ao entendimento de que a hospitalidade, como atributo do humano, mostra que os aspectos de sociabilidade dos espaços não existem por si sós.

---

<sup>5</sup> Manifestação cultural de origem africana praticada no Amapá desde o século XVII, com a vinda dos negros para a região. Por se tratar de uma herança deixada de geração em geração nessas comunidades, expressando a devoção e resistência negra, o Marabaixo foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil, em 2018 (IPHAN, 2018).

No seguinte trecho do relato supracitado: “[...] foi pra lá com a gente, passou dois dias [...]”, a anfitriã denota uma intimidade característica da formação social do “lugar”, justificado através da historicidade étnico-cultural, por se tratar de uma comunidade remanescente de um quilombo – uma *cultura comunitária*<sup>6</sup> assentada na lógica de intercâmbios homem/natureza, homem/animal numa visão holística de mundo (PACHECO, 2011), trazendo consigo a tradição viva de acolhimento em suas relações de afetividade.

Tais relações são nutridas pela própria conexão com o meio, neste sentido, sob a perspectiva histórico-mitológica, Camargo (2015) infere que se pode falar da natureza enquanto anfitriã como fez Lovelock (2006) ao mostrar Gaia, “nossa mãe-terra, recebeu-nos num Éden hospitaleiro e deve nos achar hóspedes intrusos, condenados à expulsão (aniquilação) por mau comportamento” (CAMARGO, 2015, p. 50). Também, pode-se falar por meio dos existencialistas alemães, como Binswanger (1977), onde “a hospitalidade não diz respeito apenas à *Mitwelt* (relação com os outros), mas também à *Eigenwelt* (relação consigo mesmo) e à *Umwelt* (relação com a natureza)” (CAMARGO, 2015, p. 50).

Em outro trecho, onde a anfitriã menciona que “[...] ele queria apresentação de marabaixo, fizemo a apresentação de marabaixo pra eles”, interpõe-se a hospitalidade enquanto virtude no que tange os comportamentos desejáveis do anfitrião (CAMARGO, 2015), neste caso, a virtude da anfitriã está em agradar o hóspede. Esta acepção é evidenciada em outro relato:

Nós recebe, deixa tudo! Olha...Teve uma mulher que veio e, eu tava com giral uma ponta na outra de roupa, e ela chegou, falei tudinho como ela queria, aí depois ela foi embora, quando ela foi embora, já tava tarde não dava mais pra eu terminar meu serviço...aí fica muito complicado pra gente, porque as vezes a gente tá aperriada né?! Porque assim, final de semana as vezes a gente tem mais tempo né?! Mas dia de semana assim...as vezes a gente tá tão aperriada!!!

A anfitriã também indica que os visitantes são recebidos constantemente em suas casas e demonstram interesse em participar de parte do ritual que envolve a confecção das louças de barro, uma forma deles se envolverem mais de perto com essa “outra” realidade:

---

<sup>6</sup> Pacheco (2011) caracteriza as *culturas comunitárias* como aquelas constituídas por cosmologias e universos de tradições orais.

Tem vez que eles pede pra gente fazer pra eles verem como é que a gente faz, aí a gente vai fazendo. Eu acho que é isso que eles fico animado de ver, como é que nós trabalha com as nossa peça. Que é tudo no manual [...]. Isso!

Uma anfitriã relata o porquê dessa experiência ser importante:

Eles vendo, eles conhecendo a história, eles se interessam mais ainda, por causa da história do processamento que a gente faz das nossas louça.

Nesta trama, a hospitalidade evidencia sua complexa extensão, uma vez que “o espírito hospitaleiro é facilmente reconhecível no que presta um serviço comercial e no que tem essa hospitabilidade<sup>7</sup>, a capacidade de ser hospitaleiro” (CAMARGO, 2015, p. 53), na visão de Lugosi (2008), o espaço criado e as atitudes hospitaleiras e, não apenas o serviço oferecido, marcam a virtude do anfitrião comercial hospitaleiro, mas e quando não existe a dimensão “comercial” na hospitalidade do anfitrião? Vejamos o exemplo das anfitriãs retratadas neste trabalho, não ficou claro nos relatos, se elas recebem algum valor monetário pela estada dos visitantes, mas é necessário pontuar que em dois dos relatos fornecidos com mais detalhamento, o acolhimento acontece sem nenhuma transação financeira.

Neste momento aferimos a hospitalidade como troca no que tange a perspectiva de Mauss (2003), uma compreensão central na antropologia e na sociologia econômica por ser uma das bases da relação interpessoal, nela acontecem trocas de bens tangíveis e intangíveis (CAMARGO, 2015). Nos relatos são encontradas essas duas dimensões da troca, como vemos a seguir:

Aí eles: “ah! Vai chegar uns turista que eles vão querer as nossas peça”, aí a gente já vai com aquela certeza, aquela confiança deles comprar as peças.

É importante destacar nesse trecho a “confiança” que elas nutrem em relação ao interesse que os visitantes demonstram pelas louças de barro, neste contexto, embora elas não cobrem a estada ou consumo dos visitantes, existe uma vontade implícita de que eles retribuam a sua hospitalidade através da compra das louças. De acordo com Pimentel (2009), não há garantias no sistema de dádiva; as trocas são simultaneamente voluntárias e obrigatórias, interessadas e desinteressadas, úteis e simbólicas. Segundo uma anfitriã:

---

<sup>7</sup> Sic.

Quando eles vêm aqui eles se interessam pelas frutas, pela farinha, tucupi, a tapioca, o Marabaixo.

Essa troca também é assimétrica, não há igualdade no dar e retribuir, a desigualdade é que permite que haja a interação (PIMENTEL, 2009), vejamos o seguinte relato:

Teve uma vez que fizeram rapidinho uma galinha pro almoço deles, que eles tavam lá, mas só que eles queriam pagar, aí insistiram e deram duzentos reais...é muito pra uma galinha!

Note que não era a intenção das anfitriãs que os visitantes pagassem pela refeição, elas ofereceram o alimento – a primeira dádiva – e os visitantes retribuíram com o valor monetário – a contradádiva – mas poderiam apenas ter retribuído de outra forma pois a comensalidade é o ponto alto da cena, na leitura de Camargo (2015), o anfitrião oferece ao seu hóspede o que ele tem de melhor, de comida e bebida; estes, por sua vez, devem confraternizar entre si e proporcionar esta experiência ao anfitrião; segundo Boutaud (2011), citado por Camargo (2015, p. 59), o “comer junto” assume “um significado simbólico e ritual além da simples satisfação do comer (e) condensa os traços da hospitalidade na mesa”.

Algumas manifestações intangíveis da troca são identificadas quando as anfitriãs convidam as pessoas a participarem do processo que envolve a confecção das louças de barro, essa oferta se desenvolve no interstício, no “algo a mais” inesperado da relação com o visitante. Ao fazerem os seguintes convites: “[...] você devia vir no tempo da tiração do barro” e “o bom é a pessoa ver o processo que a gente faz!”, as anfitriãs demonstram que a relação de hospitalidade deve ser sentida através do espaço onde reproduzem suas práticas culturais, isso é o que caracteriza o seu encontro e conexão com os visitantes.

Em suma, no encontro entre as louceiras do Maruanum e os visitantes da comunidade existe um espaço para muitas gratuidades, seja algo concreto, como a hospedagem, a comida e as conversas na beira do rio, ou intangível, como as experiências e a vivência do saber fazer relacionado à louça de barro, seu patrimônio cultural; neste sentido, elas demonstram em muitas falas que o laço que constroem com os visitantes desperta a valorização de suas raízes histórico-regionais e desperta o sentimento de orgulho em relação ao seu ofício. Essa abertura permite o enredamento das relações que suscitam o desenvolvimento de uma experiência integral no turismo nessa região.

#### **4 Hospitalidade e Turismo no Maruanum**

A hospitalidade na comunidade do Maruanum não é explorada comercialmente, mas está ligada ao êxito do acolhimento dos visitantes. O entendimento de que o receptivo turístico envolve toda a população local é uma das contribuições da hospitalidade para o turismo (CAMARGO, 2019), no que tange à comunidade supracitada, existe uma relação normalizada entre a população maruanense e os visitantes, intermediada pelas mulheres ceramistas que nutrem a posição de guardiãs das memórias da comunidade, portanto, são elas que conduzem a experiência turística na região.

Isso demonstra que essa experiência não está centrada, unicamente, na natureza, mas no convívio com a população local. Ao tratar do “turismo comunitário e seu patrimônio”, na perspectiva da afirmação cultural, Maldonado (2009, p. 30) denota que “o fator humano e cultural da experiência é o que cativa o turista e precede a simples motivação de imersão na natureza”, dentro deste contexto, os princípios que o segmento do turismo, e suas vertentes, se baseiam, derivam dessa cosmovisão, ou seja, uma visão holística onde o homem e a natureza são parte de uma unidade total e indivisível (MALDONADO, 2009); assim, as louceiras (seu saber fazer, suas cerâmicas, seus modos de vida) e a natureza são complementares, unidas sob um propósito, que é o de garantir a harmonia do mundo.

Para Camargo (2015), a hospitalidade é uma virtude que consiste em perguntar-se se o encontro resultou em estreitamento ou esgarçamento do vínculo social de início buscado. Partindo das anfitriãs, existem relatos em que elas demonstram o laço construído, algumas delas têm o número de contato dos visitantes, recebem ligações e encomendas para enviar suas peças à outras regiões do país. Considera-se ainda, que a hospitalidade permite que os turistas aprendam sobre o seu fazer cultural e oportunizam a venda das cerâmicas. Quando questionada sobre o que os turistas aprendem com elas junto à comunidade, uma anfitriã relata que:

Eles vão conhecendo a história; porque as louças do Maruanum têm uma grande história, né?! Eles se interessa pela história, pela tradição da Comunidade.

Uma anfitriã é questionada sobre o que vem à sua mente quando falamos da relação dos turistas com as louças de barro:

[...] os turístico sabem da onde que vem, a origem das peça é no Maruanum. [...] Eles, sinceramente, eles tem intenção de comprar e levar as peça e eles compram até pra fazer presente pra outro Estado, [inaudível], porque eles falo que as peça do Maruanum é as que tem valor e as que tem a cultura do Amapá é a do Maruanum.

Portanto, a aproximação inicial que elas têm com os visitantes acontece em função de seus artefatos<sup>8</sup> culturais que balizam o encontro com o outro (o estranho), contribuindo para o primeiro passo para a construção do vínculo social. Partindo da leitura de Mauss (2003), citado por Pimentel (2009), não são apenas bens econômicos que são trocados, mas sobretudo “amabilidades, banquetes, ritos, serviços [...], danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos [...]” (PIMENTEL, 2009, p. 217), neste sentido, um dos principais aspectos da hospitalidade nessa comunidade é o “bem-querer do turismo<sup>9</sup>”, ou seja, a comunidade deseja o turismo e o turista deseja compartilhar os modos de vida da comunidade.

Um aspecto positivo entre as louceiras do Maruanum e a venda de suas peças aos visitantes é o aumento da renda, o que gera a melhoria de sua condição financeira, aumentando a sua autoestima e mostrando que parte das soluções de seus problemas pode ser encontrada na própria comunidade (SILVA, 2015). Neste caso, considera-se que o turismo, por si só, não é capaz de resolver os problemas econômicos e sociais nos lugares onde se realiza, mas deve-se observar os saberes e trocas simbólicas que oportunizam as transformações culturais uma vez que não é o “fenômeno turístico” que explica a realidade social, mas é esta realidade que produz o turismo enquanto fenômeno social (SANTOS, 2010).

Parafraseando Scorsato (2006), o saber fazer das louças de barro, os modos de vida e o conhecimento sobre a Amazônia representam uma forma de troca a partir do momento em que acontece uma vivência compartilhada entre os turistas e comunidade, e esta troca cultural além de implicar no exercício da dádiva, também implica nas premissas do turismo de base comunitária defendidas por Irving (2009), que envolvem, dentre outros aspectos, o entendimento da base endógena da iniciativa e desenvolvimento local, a participação e protagonismo social no planejamento, os impactos sociais e ambientais controlados, a geração de benefícios diretos à

---

<sup>8</sup> Conceito entendido dentro das práticas arqueológicas, vinculado à vertente histórico-cultural, dentro do universo da cultura material (FUNARI; CARVALHO, 2009).

<sup>9</sup> Scorsato (2006, p. 86).

população local, a afirmação cultural e interculturalidade e o, já mencionado, “encontro” como condição essencial.

Considerando as relações já existentes entre a comunidade do Maruanum e os turistas, este seria um modelo a ser aferido a partir da avaliação da geração de benefícios em um projeto turístico de base comunitária, mas como Irving (2009) infere, seja qual for sua forma, o turismo modifica profundamente o futuro de uma população; no caso do turismo de base comunitária, a mesma autora afirma ser essencial que este se desenvolva em escala limitada, definida a partir de recursos locais e com suas potencialidades e restrições identificadas com a participação direta da população envolvida; portanto, as discussões acerca da hospitalidade representam, nesse primeiro momento, o entendimento da dinâmica social desta comunidade para que se normalize de forma assertiva – social, cultural e economicamente – o laço com o fluxo turístico da região.

## **5 Considerações finais**

Refletir sobre a hospitalidade no contexto das comunidades tradicionais é trazer à tona a distinção da dádiva primitiva e moderna, abordada nos estudos de Godbout (1999) na leitura Maussiana; no caso da comunidade do Maruanum, existe a dádiva primitiva, ligada à própria formação social da comunidade que nutre o espírito de coletividade e a reciprocidade em suas relações-territorialidades; em contrapartida, o “bem-querer do turismo” se infiltrou na ideia de reciprocidade, alternando entre a presença e a ausência do sentido mercantil, uma vez que o dever da retribuição pode possuir valores simbólicos ou não, identificados nas relações das anfitriãs com os visitantes.

Essa alternância permite que se interprete a dinâmica social do lugar turístico, o que pode ajudar na valorização da cultura local, na preservação do fazer cultural das mulheres ceramistas e na manutenção dos modos de vida da comunidade anfitriã como próprio símbolo de sua hospitalidade. Fica evidente que o turismo, como atividade econômica insipiente no Maruanum, traz benefícios para o comércio das louças de barro e reflete um perfil de turista que busca uma hospitalidade espontânea, considerando que a estada dos visitantes nas casas das louceiras não é cobrada. Em contrapartida, esse mesmo fato suscita uma discussão acerca dos limites dessa hospitalidade em termos de impactos sociais e ambientais, advindos do contato cada vez maior

com pessoas de fora da comunidade e das transformações que a modernidade pode trazer para as tradições (CANCLINI, 1989).

Sobre isso, para Calhoun (2014), dentre as mudanças que obrigam as ciências sociais a uma nova aproximação da realidade social, estão a globalização e o individualismo, que são duas lógicas que, em conjunto, coordenam o espaço no interior do qual a pesquisa é cada vez mais chamada a se mover. Entretanto, a hospitalidade caminha em direção diferente, pois interessa-lhe a proximidade e o encontro, sendo este, talvez, o seu principal significado frente às lógicas da globalização e do individualismo (CAMARGO, 2015).

Neste sentido, ao se pensar no turismo, em qualquer nível, dentro de uma comunidade tradicional, faz-se necessário entender como integrar os fluxos turísticos sem prejuízos às tradições culturais, discutindo os efeitos da “dialógica cultural” (MORIN, 1991) e como preparar o lugar para entender a importância de seu patrimônio preservando as trocas de dádivas inerentes de sua hospitalidade. O Maruanum apresenta não apenas uma possibilidade de imersão na natureza, mas a construção de vivências com os turistas, deste modo, apenas pensar no segmento do ecoturismo para a região – o que é recorrente por se tratar de uma comunidade da Amazônia – é ignorar que existe uma natureza social indivisível, e é a partir dela que uma possível normalização do turismo nessa região deve ser pensada.

## Referências

- CALHOUN, C. O papel das Ciências Sociais em um mundo em mudança acelerada. **Revista FAPESP**, ago/2014. Disponível em: < <http://agencia.fapesp.br/o-papel-das-ciencias-sociais-em-um-mundo-em-mudanca-acelerada/19583/> >. Acesso em: 19 out. 2019.
- CAMARGO, L. O. de L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, v. 12, nº. especial, 2015, p. 42-69. Disponível em: < <https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/574> >. Acesso em: 03 out. 2019.
- \_\_\_\_\_. Hospitalidade, Turismo e Lazer. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 13, nº 3, 2019, p. 01-19. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v13i3.1749>. Acesso em: 03 out. 2019.
- CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1989.
- COSTA, C. S. da. Louceiras do Maruanum em observância aos princípios ambientais: prevenção, precaução e função socioambiental da propriedade. **Planeta Amazônia: Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas**, Macapá, n. 3, p.145-152, 2011. Disponível em: < <https://periodicos.unifap.br/index.php/planeta/article/view/554> >. Acesso em: 03 out. 2019.

COSTA, C. S. da; CUSTÓDIO, E. S. Religião, cultura e políticas públicas no Amapá: religiosidade, cerâmica e encantaria na tradição das Louceiras do Maruanum. **Revista Eletrônica Correlatio**, São Paulo, v. 16, n. 2, p.209-227, dez. 2017. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v16n2p209-227>. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/8393>> Acesso em: 07 out. 2019.

FERREIRA, F. C. “Desde que me entendi”: Tecendo saberes e fazeres relativos à louça da Comunidade Quilombola do Maruanum. 2016. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: <<http://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/disc2016/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Fabr%C3%ADcio%20Ferreira.pdf>> . Acesso em: 25 set. 2019.

FUNARI, P. P.; CARVALHO, A. V. de. Cultura Material e Patrimônio Científico: Discussões atuais. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (Org.). *Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia: Livro Eletrônico*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, 2009. p. 03-13. Disponível em: <[http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/cultura\\_material\\_e\\_patrimonio\\_de\\_c\\_e\\_t.pdf](http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/cultura_material_e_patrimonio_de_c_e_t.pdf)> Acesso em: 07 out. 2019.

GODBOUT, J. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 13, n. 38, 1998, p. 39-52. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000300002>. Acesso em: 04 out. 2019.

LAC, F. Hospitalidade e Turismo entre os Kaingang. In: VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2010, São Paulo, **Anal**, p. 01-15. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/86.pdf>> . Acesso em: 10 out. 2019.

LANNA, M. Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio Sobre a Dádiva. **Revista Sociologia Política**, n. 14, 2000, p. 173-194. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782000000100010>. Acesso em: 05 out. 2019.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 25-44.

MARTINS, P. H. A Sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n°. 73, 2005, p. 45-66. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/73/RCCS73-045-066-Paulo%20H.Martins.pdf>> . Acesso em: 08 out. 2019.

MAUSS, M. “Ensaio sobre a dádiva”. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MORIN, E. **O método IV – As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização**. Portugal: Europa - América, 1991.

IRVING, M. de A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p.108-121.

PACHECO, A. S. Astúcia da Memória: identidades afroindígenas no corredor da Amazônia. **Revista Tucunduba**, n° 02, 2011, p. 40-51. Disponível em: < <http://www.revistaeletronica.ufpa.br/index.php/tucunduba/article/viewArticle/46>>. Acesso em: 15 out. 2019

PEREIRA, G. R. de M. Regimes de valor, regimes de conhecimento: Alguns temas da antieconomia da dádiva. **Educação & Sociedade**, n° 72, 2000, p. 73-86. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302000000300005>. Acesso em: 08 out. 2019.

PIMENTEL, A. B. Dádiva e Hospitalidade no sistema de hospedagem domiciliar. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 216-239.

RAFFESTIN, C. Réinventer l'hospitalité. **Communications**, n° 65, p. 165-177, 1997. Disponível em: < [https://www.persee.fr/doc/comm\\_0588-8018\\_1997\\_num\\_65\\_1\\_1997](https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1997_num_65_1_1997) >. Acesso em: 12 out. 2019.

SANTOS, T. B. B. Contradições do Turismo na Sociedade de Consumo. In: PELEGRINI, Sandra C. A.; NAGABE, Fabiane; PAES, Áurea da (Org.). **Turismo e Patrimônio em tempos de globalização**. Campo Mourão: FECILCAM, 2010, p. 161-189.

SCORSATO, Simone Maria. Hospitalidade: o desafio das populações de pescadores que se transformam em fornecedores de serviços turísticos. **Revista Hospitalidade**, n. 2, 2006, p. 77-89. Disponível em: < <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/viewFile/194/209> >. Acesso em: 11 out. 2019.

SILVA, E. C. G. e. **As Louceiras do Maruanum e o Turismo Cultural na Região Amazônica**. 2019. 147 f. Dissertação Impressa (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, 2019.

SILVA, E. T. da. **Patrimônio Cultural e Turismo: A Arte Santeira Piauiense**. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Turismo e Hotelaria, Centro de Ciências Sociais Aplicadas - Cecies, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2015. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Elis%C3%A2ngela%20Tavares%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2019.

**Artigo recebido em: 22/10/2019**

**Avaliado em: 05/12/2019**

**Aprovado em: 24/12/2019**